

Melville e os portugueses

Profa. Dra. Irene Hirsch (UFOP)

Resumo:

Após a publicação de dois grandes romances, Moby-Dick e Pierre, Herman Melville começou a escrever contos para as revistas norte-americanas Harper's e Putnam's, talvez porque nenhum dos dois romances tenha sido muito bem recebido pela crítica coeva, nem bem sucedido comercialmente. A sua produção mostra-se notável: em menos de quatro anos, ou seja, entre o final de 1852 e o começo de 1856, publicou quinze narrativas breves nas duas revistas. Numa dessas histórias, "Os 'tugas" (abreviação de "portugas"), o autor faz uma descrição dos marinheiros portugueses, sempre dispostos a embarcar nos navios norte-americanos, com gratificações abaixo do preço. O texto de Melville, escrito em tempos da escravidão, é um depoimento do ambiente de racismo que testemunhara a bordo dos baleeiros em que viajou.

Palavras-chave: literatura norte-americana, século XIX, marinheiros

Introdução

A freqüente sugestão de que o épico Moby-Dick não teria sido o mesmo se Melville não tivesse lido os *Lusíadas* e a evocação em *White-Jacket* ("for the last time, hear Camoens, boys!") seriam indícios suficientes do apreço de Melville pelos portugueses se não tivesse também dedicado dois sonetos ao autor do épico lusitano. "Camões (Before)" e "Camões in the Hospital (After)" é um díptico poético sobre o processo de escrever, que, oscilando entre Tasso e Camões, Melville decidiu-se pela identificação com o poeta português (BRYANT, 2001).¹

Admirador de Camões, Melville lera os *Lusíadas* na tradução de William Mickle (*The Lusiad; or the Discovery of India*, 1776) assim como os poemas de Camões traduzidos por Lord Viscount Strangford (*Poems, From the Portuguese of Luis de Camoens*, 1803) (Monteiro). A presença camoniana em Melville e os paralelismos intertextuais e pessoais entre ambos há muito têm sido objeto de estudo em meios acadêmicos; considerem-se, a este propósito, as referências feitas por George Monteiro em "Melville's Camões and the Figure of the Artist", posteriormente desenvolvidas em seu livro *The Presence of Camões: Influences on the Literature of England, America, and Southern Africa*. Monteiro mostra um longo percurso de estudos sobre a conexão de Melville com Camões, encontrando já em 1924 um estudo de Merritt Y. Hughes associando a baleia branca com o gigante Adamastor. Outros estudiosos norte-americanos como Lewis Mumford, Newton Arvin, Leon Howard, Luther Mansfield e Howard Vincent teceram considerações mais e menos

¹ Os sonetos foram traduzidos para o português por Nelson Ascher, em *Poesia Alheia*, Imago, 1998, no Brasil, e Leonor Isabel Neves "Oíçam Camões: nos versos de Melville", *Jornal de Letras*, 11 (Maio 28, 1991: 31), em Portugal.

extensas, baseadas nos documentos organizados por Jay Leda. A partir de 1960 seriam encontradas as primeiras referências em língua portuguesa sobre a relação entre os dois escritores feitas por Augusto Meyer, Gilberto Freyre e Américo da Costa Ramalho, entre outros. Esses trabalhos pioneiros foram seguidos de vários outros, podendo-se inferir a partir do grande número de comentários disponíveis que a glorificação dos descobrimentos marítimos assim como outros aspectos da cultura lusitana faziam parte do universo melvilleano. Ao focalizar uma narrativa nos portugueses, portanto, o autor norte-americano debruçava-se sobre indivíduos que, além de conhecer, admirava.

Ao longo do século XIX, os navios baleeiros de Nantucket e New Bedford freqüentemente interrompiam suas viagens nas ilhas cabo-verdianas Brava e Fogo com o fito de recrutar marinheiros para trabalhar a bordo. Terminada a expedição, alguns desses tripulantes voltavam para os Estados Unidos, onde firmavam residência, trabalhando nas plantações. Essa pequena comunidade e sua interação com o homem branco nativo é ficcionalizada por Melville na breve narrativa *The 'Gees* ou *Os 'tugas*, na minha tradução. Melville recria o ambiente de racismo que testemunhara em suas viagens retratando de forma extremamente devastadora as relações entre os homens. Publicada pela primeira vez em março de 1856 na *Harper's New Monthly Magazine*, essa história é sobre interação de um pequeno grupo de marujos com seus capitães na Nova Inglaterra.

É a história mais curta de toda ficção breve de Melville do período de 1853 a 1856, não tendo recebido muita atenção da crítica. Houve quem fizesse uma leitura literal, atribuindo a Melville tal atitude em relação à raça e à escravidão (Kaplan), outros viram no texto uma sátira (Karcher, Bickley). A argumentação de Carolyn Karcher, por exemplo, em “Melville's *The 'Gees*: a forgotten satire on scientific racism”, e depois mais extensamente em *Shadow over the Promised Land*, fundamenta-se na suposição de que teria sido uma reação de Melville a uma crítica publicada na *Putnam's* de julho de 1854 que apresentava evidências científicas de etnólogos que apontavam para uma distinção fixa entre as raças, de que haveria uma hierarquia biológica na qual o negro ocuparia a mais baixa posição. Segundo a autora a ficção seria um *reductio ad absurdum* dessa etnologia racista, uma sátira concretizada na personagem do narrador preconceituoso. Para outros, o texto é uma antecipação do que escreveria a respeito da indiofobia em *O vigarista* anos mais tarde.

No entanto, é certo que o texto foi escrito em tempos de escravidão, pouco antes da guerra civil, por alguém que testemunhou a bordo de um navio baleeiro as tensões dessas relações e as retratou de modo corrosivo, sem poupar o seu público. A discussão sobre raça é proposta pelo narrador, que diz logo no início que para descrever os ‘tugas abordará também o tema do preconceito.

Os ‘tugas

A palavra ‘tuga, que dá o título à ficção, é uma abreviação de portuga, corruptela de português (uma possível tradução da abreviação supostamente feita pelos marinheiros em inglês: Gee - Portuguese – Portuguese, com conotação depreciativa). Os ‘tugas são mestiços descendentes do cruzamento de condenados portugueses e negros africanos originários de Cabo Verde e seus ancestrais teriam sido enviados para a ilha alguns séculos antes.

Trata-se de um retrato multifacético dos marinheiros cabo-verdianos, acrimonioso, com uma certa ironia e pretensão de realismo. Não se propõe a indexar os valores, as virtudes, nem as qualidades excepcionais de um povo, nem sua grandeza histórica e, embora aponte para alguns de seus vícios, tampouco o desqualifica. Trata-se de um projeto duplo com dois enunciados que se querem verdadeiros: ao retratar os ‘tugas exalta-os, pois retrata o notável e por isso surpreende, mas logo, por inversão, decreta execrável aquilo que retrata. Ao rebaixá-los com traços caricaturais, rebaixa também todo o universo narrado e com ele o que fez o retrato. O tema da história, que é uma resposta à pergunta “Que diabos é um ‘tuga?”, portanto, desdobra-se nessas duas experiências: a do sujeito observado e a do sujeito que observa. O caráter polissêmico dessa imagem, por conseguinte, revela-se na observação de todos os sujeitos envolvidos na narrativa.

O marinheiro que conta a história concentra tal pluralidade de significados. Ora é condescendente, ora agressivo, ora irônico, mas sempre pleiteia objetividade. Seu relato em primeira pessoa é curto, recheado de humor, jogos de palavras, inversões e comparações. Cria empatia, buscando a cumplicidade dos ouvintes com uma narração que visa entreter e instruir, a respeito de um assunto pouco conhecido. Contudo, ao ridicularizar as inadequações de um grupo social torna-se recriminável. Mal iniciada a exposição, revela-se mais intolerante do que os protagonistas da intolerância ao explicar que “de todos os homens, os marinheiros são os mais preconceituosos, especialmente no que se refere à raça”, referindo-se em seguida aos ‘tugas como “criaturas de uma raça inferior”.

Segundo ele, há dois tipos de ‘tugas, os que vivem no mar e os que vivem em Nantucket e New Bedford. Estes últimos são sofisticados e não são tão facilmente identificáveis, pois “podem ser confundidos com cidadãos naturalizados queimados pelo sol”. No ambiente dos marinheiros não se encontram ‘tugas em posição de comando, sendo todos trabalhadores braçais que se contentam em cumprir ordens em troca de baixa remuneração. As histórias individuais são sobre um ‘tuga com elefantíase e outro aleijado, ambos tendo o propósito de ludibriar seus capitães, querendo ocultar a deficiência para embarcar em troca de pouco ou nenhum dinheiro ou de alguns biscoitos.

As metáforas de animais não são poucas, associando-os à zebra, ao cavalo, à aguieta, ao veado e ao macaco:

He has a serviceably hard keel, a kick from which is by the judicious held almost as dangerous as one from a wild zebra. (MELVILLE 1987:348)

One must study them, just as to know and be a judge of horses one must study horses. (MELVILLE 1987:349)

Like the negro, the ‘Gee has a peculiar savor, but a different one – a sort of wild, arine, gamy savor, as in the sea-bird called haglet . Like venison, his flesh is firm but lean. (MELVILLE 1987:348)

That the monkey-jacket was originally so called from the circumstance that that rude sort of shaggy garment was first known in Fogo. They often call a monkey-jacket a ‘Gee-jacket. (MELVILLE 1987:350)

Também ao descrevê-los fisicamente, o seu relato evoca os animais, pois poucos são os traços humanos dos ‘tugas, as suas especificidades anatômicas sobressaindo-se às espirituais.

His physicals and spirituals are in singular contrast. The ‘Gee has a great appetite, but little imagination; a large eyeball, but small insight. Biscuit he crunches, but sentiment he eschews. (MELVILLE 1987:147)

Os traços fisionômicos são descritos com termos pouco encomiásticos como “desproporcional”, “boca grande”, “pescoço curto”,

His complexion is hybrid; his hair ditto, his mouth disproportionally large, as compared with his stomach; his neck short, but his head round, compact, and betokening a solid understanding. (MELVILLE 1987:347)

A questão do hibridismo tem recebido muita atenção recentemente em meios acadêmicos, mas não é na sua aceção de fenômeno cultural que foi empregada na descrição do protagonista. Quando escrita, provavelmente, aproximava-se da concepção darwiniana do século XIX, a qual pode ser percebida na seguinte definição do Oxford English Dictionary, deduzindo-se que as implicações biológicas do termo eram associadas à descrição do ‘tuga: “The offspring of two animals or plants of different species, or (less strictly) varieties; a half-breed, cross-breed, or mongrel”. [A cria de dois animais ou plantas de espécies diferentes, ou variedades (menos exato); um mestiço, raça cruzada, ou vira-lata].

Para provocar o riso, as incursões do narrador também são depreciativas (“a green ‘Gee being of all green things the greenest... owing to the clumsiness of their feet ... green ‘Gees are wont, in no inconsiderate numbers, to fall overboard the first dark, squally night”) (MELVILLE 1987:348) Se, por um lado, os marinheiros mestiços são inferiorizados, por outro, a descrição dos homens brancos (dos capitães e de alguns marinheiros) também é não é menos intolerante: são preconceituosos, desdenhosos, cruéis, exploradores. Chamam os ‘tugas apenas quando há algum trabalho pesado a ser feito, para depois ignorá-los e jamais tratam-nos pelos seus nomes, reservando-lhes sempre a mesma abreviação (“Here, ‘Gee! You ‘Ge-e-e-e!”) (MELVILLE 1987:350). Avaros recrutam os marinheiros de Cabo Verde por não exigirem salário, violentos distribuem generosas quantidades de bofetadas, tabefes e socos. Mas é principalmente na ação de recrutar os marinheiros, que em muito lembra um leilão de escravos, que são retratados de modo corrosivo, como se depreende das instruções que o narrador oferece a um capitão inexperiente:

Get square before him, at, say three paces, so that the eye, like a shot, may rake the ‘Gee fore and aft, at one glance taking his whole make and build – how he looks about the head, whether he carry it well; his ears, are they over-lengthy? How fares it in the withers? His legs, does the ‘Gee stand strongly on them? His knees, any Belshazzar symptoms there? How stands it in the region of the brisket? etc., etc.

Thus far for bone and bottom. For the rest, draw close to, and put the centre of the pupil of your eye – put it, as it were, right into the ‘Gee’s eye; even as an eye-stone, gently, but firmly slip it in there, and then note what peck or beam of viciousness, if any, will be floated out. (MELVILLE 1987:349)

Tais instruções não seriam necessárias para o único marinheiro a ter nome, o experiente capitão Hosea Kean. Conhecedor de ‘tugas e sempre em alto-mar, poderia complementar as informações do narrador acrescentando-as de violência: sua competência

sobre o assunto permite-lhe que invada a casa do ‘tuga e aponte-lhe uma pistola na cabeça antes de recrutá-lo.

Os *quakers* mencionados tampouco são retratados com condescendência. Embora o narrador diga que tiveram o nobre intuito de enviar cinco ‘tugas para a escola de Darmouth, “instituição fundada em parte com o objetivo de ensinar os clássicos e a matemática superior aos índios selvagens”, a ironia do enunciado logo é trazida a lume. Sabia-se então serem os *quakers* avessos ao ensino, assim como a comparação dos ‘tugas com os índios selvagens é apenas mais um matiz da maneira ácida de a eles se referir.

Encontram-se, portanto, neste texto melvilleano, sinais simultâneos de referencialidade ao mundo real e ao universo ficcional. Se descrição é escancarada nas suas feições sórdidas, se sátira encontra-se no limiar do escárnio; como ficção, o efeito é o de uma composição incômoda, controversa, dicotômica. Formulado de modo particularmente polissêmico veicula idéias antagônicas, apontando para a natureza espúria das relações entre os homens. Mais do que um compromisso histórico é um testemunho que suscita atordoamento.

Referências Bibliográficas

- MELVILLE, H.. *The Piazza Tales and Other Prose Pieces 1839-1860*, Hayford, H *et al.* Evanston e Chicago, Northwestern-Newberry Ed., 1987.
- BRYANT, J. “Versions of “Camões”. *Tales, Poems and Other Writings: Herman Melville*. New York, Modern Library Edition, 2001.
- MONTEIRO, G. “Melville’s Camões and the Figure of the Artist” in *Colóquio Herman Melville*, coord. Teresa Ferreira de Almeida Alves e Teresa Cid, Lisboa, Colibri, 1994.
- _____. “Reason and/or madness: Herman Melville’s Rediscovery of Camões”, *Revista Camoniana*, 2ª série vol. V, 1982-3, p.39-40.

Autor

¹ **Profa. Dra Irene Hirsch**
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)
Departamento de Letras
irenerh@gmail.com